

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

**CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

MULHERES NO ROCK: POR QUE AINDA SOMOS TÃO POUCAS?

FABIANA DE PAULA
Novembro de 2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

**CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

MULHERES NO ROCK: POR QUE AINDA SOMOS TÃO POUCAS?

Trabalho de conclusão do curso de pós-
graduação em Mídia, Informação e Cultura
produzido sob orientação do professor doutor
Alexandre Barbosa

FABIANA DE PAULA
Novembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores e colegas de curso pelas excelentes discussões em sala de aula. À minha família pelo apoio e paciência, ao meu orientador Alexandre Barbosa e, acima de tudo, às entrevistadas que colaboraram para a produção deste artigo pelo trabalho inspirador que realizam. E à Patti Smith, eterna inspiração de vida.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. PANORAMA DA ATUAÇÃO FEMININA NO ROCK BRASILEIRO E INTERNACIONAL	6
3. REFERENCIAIS TEÓRICOS	7
4. PANORAMA DO PRECONCEITO DE GÊNERO NO ROCK COM BASE EM REPORTAGENS	9
5. O ROCK FEMININO NO BRASIL NA ATUALIDADE	10
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	14

MULHERES NO ROCK: POR QUE AINDA SOMOS TÃO POUCAS?

RESUMO

Este artigo contempla o sexismo como um dos motivos da discrepância no número entre homens e mulheres no rock, com base em referenciais teóricos de Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir e Stuart Hall, análise de reportagens que relatam ocorrências de preconceito de gênero nesse cenário e entrevistas com musicistas brasileiras que relatam os casos de machismo que enfrentaram ao longo da carreira.

Palavras-chave: Preconceito, sexismo, rock, feminismo.

ABSTRACT

This article includes sexism as one in many reasons of the discrepancy of men and women in rock, based on theoretical references of Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir and Stuart Hall, analyses of articles reporting gender prejudice cases in this scenario and interviews with Brazilian female musicians who report cases of sexism in their career.

Keywords: Prejudice, sexism, rock, feminism.

RESÚMEN

Este artículo incluye el sexismo como una de muchas razones de la disparidad en el número de hombres y mujeres en el rock, en base a las referencias teóricas de Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir y Stuart Hall, los análisis de los artículos notificación de los casos los prejuicios de género en este escenario y entrevistas con músicos femeninos brasileños que denuncian casos de sexismo en su carrera.

Palabras clave: El prejuicio, el sexismo, el rock, el feminismo.

1. INTRODUÇÃO

Desde os primeiros acordes de guitarra surgidos em meados dos anos 1950, o *rock* nasceu como um movimento da música popular diretamente relacionado à rebeldia, comportamento típico da juventude na época. Com origens que remetem ao *blues*, à música *country* e ao *rhythm and blues*, o *rock* tem entre seus precursores Bill Haley & His Comets, Little Richard e Chuck Berry, mas fez sucesso entre os jovens na figura de Elvis Presley, que inovou com interpretações consideradas ousadas para a época e trouxe uma conotação sexual para o estilo.

A partir do fim da década de 1960 e início dos anos 1970, o *rock* se mesclou a outros estilos musicais dando início a diversos subgêneros, como o *folk rock*, *glam rock*, *punk rock*, a *new wave*, o *hardcore*, *grunge*, *britpop*, *indie rock*, etc. Para Paulo Chacon, autor do livro “O que é Rock”, o conceito de *rock* está diretamente ligado ao público que o consome, representado por jovens no início da adolescência até a inserção no mercado de trabalho.

O *rock* é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. O *rock* é e se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do *rock* a mesma polimorfia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e com as mudanças que os anos provocam de geração a geração. (CHACON, 1995, p.8)

Mais de 60 anos desde o seu surgimento, uma breve reflexão sobre a história do *rock* mostra que o número de mulheres que atuam como figura central nesse cenário é expressivamente menor quando comparado ao número de homens.

O presente artigo propõe uma breve discussão acerca desta disparidade e aponta para alguns caminhos de pesquisa sobre as possíveis causas da ausência de figuras femininas nesse cenário. Partindo da premissa que essas mulheres estão inseridas em um ambiente de ideologia originalmente transgressora, observamos uma questão paradoxal, com relatos de situações que envolvem preconceito e descaso, comportamentos condizentes com a mentalidade de uma sociedade conservadora e patriarcal.

Enquanto na música pop as mulheres ganham destaque exibindo uma figura feminina e sensual, as musicistas que se dedicam ao *rock* geralmente têm a sua figura relacionada a estereótipos e muitas vezes se sentem menosprezadas, tendo o seu trabalho desacreditado simplesmente por serem mulheres.

Esta pesquisa foi desenvolvida com base em referenciais teóricos, análise de reportagens sobre o tema e entrevistas com musicistas. A partir do objetivo principal, de compreender e discutir as possíveis causas que levam as mulheres a se posicionarem em

número reduzido como líderes de banda ou artistas em carreira solo, este artigo questiona se o sexismo interfere diretamente nesse abismo entre os gêneros. Para isso, foram entrevistadas compositoras e guitarristas que assumem um papel de liderança em seus projetos musicais, todas com mais de cinco anos de atuação na área.

Para entender a postura das mulheres nesse contexto, este artigo recorre ao aporte de Pierre Bourdieu ao tratar questões referentes à dominação masculina como fator reconhecido e reproduzido ao longo do tempo, dado que as estruturas históricas de ordem masculina foram incorporadas sob a forma de esquemas inconscientes que determinam o comportamento de homens e mulheres perante a sociedade.

Para tratar das diferentes concepções de identidade foram reunidas referências nas obras de Stuart Hall e Simone de Beauvoir, que abordam características associadas tradicionalmente à condição feminina que se baseiam mais em histórias reproduzidas ao longo do tempo e menos em fatos relacionados às limitações físicas.

2. PANORAMA DA ATUAÇÃO FEMININA NO ROCK BRASILEIRO E INTERNACIONAL

Como parte da cultura de massa voltada para a juventude no período pós-guerra, o *rock* se dissipou rapidamente e chegou ao Brasil. Um dos primeiros registros que se tem conhecimento no país foi feito pela cantora de samba-canção Nora Ney, que em 1955 regravou “*Rock Around the Clock*”, de Bill Haley. Em 1958, a cantora Celly Campello fez sucesso com versões e regravações de canções internacionais, mas abandonou a música no auge da carreira para se dedicar à família, voltando a gravar posteriormente. Celly Campello abriu caminho para que na década seguinte, nomes como Wanderléa, Rosemary, Martinha e Lilian ganhassem destaque na Jovem Guarda.

Em 1966, nascia a banda Os Mutantes, que até 1972 contou com a presença de Rita Lee entre seus integrantes. Já no início da década de 1980, as Mercenárias surgiram em São Paulo e também tiveram uma contribuição relevante para a inclusão da mulher brasileira no gênero musical.

No *rock* mundial, Joan Jett, é referência quando o assunto é mulheres e guitarras. A fundadora do Runaways, banda formada essencialmente por mulheres que conquistou destaque na cena musical de 1975 a 1979, seguiu carreira solo na década seguinte e continua em atividade até os dias atuais. Em uma entrevista recente, ela falou sobre o machismo no *rock* que, segundo ela, continua a existir.

Sempre foi domínio masculino, um mundo de homens. E de repente as

garotas estavam com uma guitarra. Foi uma reação natural dos homens: ‘Não, você não pode tocar’. Para mim, de forma lógica, não fazia sentido. Não era que elas não podiam dominar o instrumento, elas não tinham permissão socialmente falando, justamente porque o *rock* é sexual. (JOAN JETT, em entrevista à revista “Rolling Stone Brasil” em março de 2012)

Relatos de sexismo também aparecem entre os integrantes do Blondie, grupo fundado no fim dos anos 1970 e que tem como líder a cantora e compositora Debbie Harry. No documentário “*Blondie’s New York and the Making of Parallel Lines*”, o então baixista Gary Valentine ressalta que a beleza de Harry sempre foi alvo de comentários, mas seu talento como compositora nunca teve o devido reconhecimento.

No mesmo documentário, a líder do Blondie relata que se sentia cobrada pelo seu posicionamento: “Esperavam que eu constituísse uma família e fosse a mulher, fosse a esposa, e me culpam por eu não ter sido boa nisso”. (DEBBIE HARRY, em entrevista para o documentário “*Blondie’s New York and the Making of Parallel Lines*” em 2014)

Em resposta ao sexismo na indústria musical, o movimento *Riot Grrrl* trouxe um novo direcionamento para a atuação das mulheres no *rock*. No início dos anos 1990, Allison Wolfe e Kathleen Hannah começaram a produzir *fanzines* que traziam no conteúdo os ideais feministas e incentivavam outras mulheres a montarem suas próprias bandas. À frente dos grupos Bratmobile e Bikini Kill, elas influenciaram – e influenciam até hoje - diversas musicistas.

O movimento *Riot Grrrl* absorveu do *punk rock* os ideais “*do it yourself*”, por isso tantas semelhanças com o modo independente de produzir e disseminar o seu trabalho, sem ter que recorrer à grande mídia ou à renomadas gravadoras.

No Brasil, o movimento influenciou diversas bandas femininas, entre elas o Dominatrix, fundada em 1995 em São Paulo e que continua em atividade até hoje.

3. REFERENCIAIS TEÓRICOS

Desde as sociedades primitivas, as relações pré-estabelecidas entre homens e mulheres exibem traços de rivalidade. Os homens criaram as leis favorecendo seus semelhantes e estas foram legitimadas ao longo do tempo. Coube a eles manter o status de gênero dominante.

Pierre Bourdieu e Simone de Beauvoir abordam essas relações de formas complementares. Enquanto a filósofa feminista recorre a Hegel para explicar a hostilidade nas relações de oposição, Bourdieu coloca as mulheres como um grupo social estigmatizado, que já nasce em condição de desvantagem perante o seu opressor.

A filósofa francesa compara as mulheres à classe proletária ao constatar que ambos estão inseridos em grupos de escalas equivalentes a seus opressores, mas aponta para

condições adversas já que as mulheres nunca conquistaram uma condição de unidade e estão por vezes mais ligadas a seu opressor que às suas semelhantes.

Nem sempre houve proletários, sempre houve mulheres. Elas são mulheres em virtude de sua estrutura fisiológica; por mais longe que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não *aconteceu*. [...] Os proletários dizem "nós". Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em "outros" os burgueses, os brancos. As mulheres — salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas — não dizem "nós". Os homens dizem "as mulheres" e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito. (BEAUVOIR, 1949/1970, p.12-13)

Para a autora, as mulheres “vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo *habitat*, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens — pai ou marido — mais estreitamente do que às outras mulheres”. (BEAUVOIR, 1949/1970, p. 13)

No *rock*, essa falta de conexão impede que muitas mulheres reflitam sobre a baixa representatividade do sexo feminino no meio.

Já Bourdieu aborda em sua obra aspectos que reforçam a condição da mulher como classe subordinada, baseados nas principais divisões que categorizam as diferenças de gênero na sociedade.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar da assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 1998/2002, p.9)

Aspectos relacionados à fragmentação das identidades ao longo dos tempos resultaram na falta de uma unidade que represente os interesses do sexo feminino. Nesse sentido, Bourdieu ressalta as semelhanças entre mulheres líderes, que precisam lidar com a pressão de comandar uma equipe formada por homens e as metalúrgicas, que buscam nas colegas de profissão a força necessária para enfrentar o assédio e as críticas sobre a aparência, esta última uma cobrança recorrente da sociedade às mulheres que desenvolvem atividades consideradas de cunho masculino.

Apesar disso, o autor ressalta que: “As mulheres continuam separadas umas das outras por diferenças econômicas e culturais, que afetam, entre outras coisas, sua maneira objetiva e subjetiva de sentir e vivenciar a dominação masculina”. (BOURDIEU, 1998/2002, p. 112)

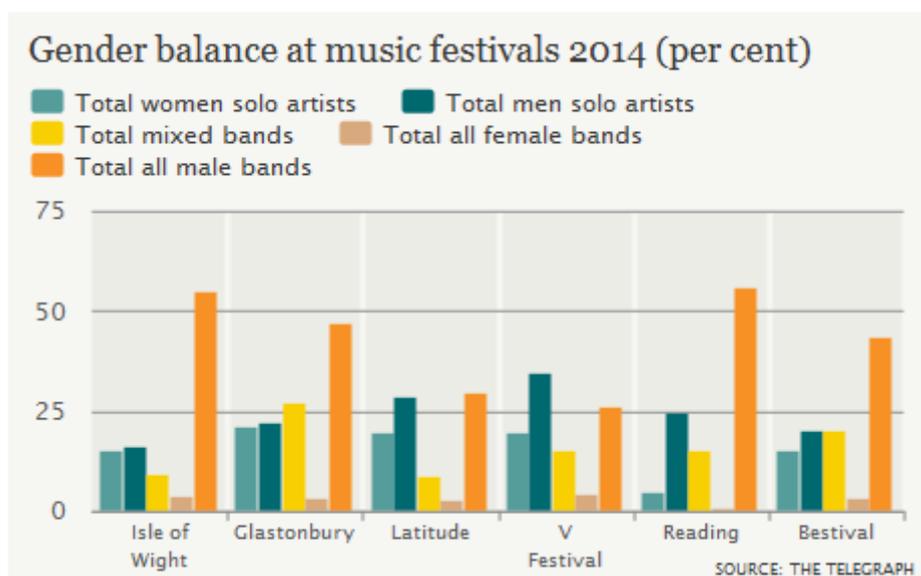
Com relação à formação das identidades, Stuart Hall aponta o feminismo como um

dos fatores que impactaram na fragmentação do sujeito da modernidade, ressaltando que o movimento trouxe “a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a ‘Humanidade’ substituindo-a pela questão da diferença sexual”. (HALL, 2006, p. 46).

4. PANORAMA DO PRECONCEITO DE GÊNERO NO ROCK

Mesmo considerado um ambiente transgressor, padrões instaurados há mais de um século pela sociedade ainda estão presentes no *rock*. Provocações explícitas, hostilidade e falta de credibilidade estão presentes em vários depoimentos de musicistas ao redor do mundo.

Uma das principais vitrines para que músicos mostrem o seu trabalho para um público variado, os grandes festivais de *rock* refletem o abismo existente entre o número de homens e mulheres no cenário mundial. Uma reportagem publicada no jornal britânico “*Telegraph*” revelou a disparidade de gênero em seis grandes festivais do Reino Unido. Os números estão no gráfico publicado pelo periódico e reproduzido abaixo:



No Brasil, o *Lollapalooza*, um dos principais festivais de *rock* da atualidade considerando quantidade de público e relevância das atrações, teve nas quatro edições realizadas até agora no país apenas duas mulheres em posição de destaque, levando em conta os horários e dimensões dos palcos onde se apresentaram: Joan Jett, em 2012, e Lorde, em 2014.

Mas fazer parte da escalação de um grande festival é apenas uma das barreiras enfrentadas pelas mulheres nesse ambiente. Em cima dos palcos, elas muitas vezes são obrigadas a lidar com o assédio de homens que as encaram apenas como objetos a serem admirados.

Em entrevista à revista “*Rolling Stone*” norte-americana, a vocalista do grupo Paramore, Hayley Williams, disse que precisou de alguma experiência em cima dos palcos para se posicionar contra os assédios:

[...] fui assediada por rapazes que tinham provavelmente uns bons 10 anos a mais que eu. Lembro-me de tocar no *North Star Bar* [na Filadélfia] e de um cara gritar “tira a blusa!” provavelmente umas 10 vezes. Isso já aconteceu em outras ocasiões, mas esse cara foi muito agressivo. Lá pela quinta ou sexta vez, percebi que eu estou com o microfone nas mãos. Eu tenho o poder aqui. E não tenho que ficar quieta. (HAYLEY WILLIAMS, em entrevista à revista “*Rolling Stone*” em outubro de 2013)

Outros relatos de musicistas nesse meio aparecem relacionados à falta de credibilidade no trabalho. Elas contam que para serem ouvidas precisam se empenhar muito mais que um homem na mesma posição e esse tipo de situação não ocorre apenas com mulheres em início de carreira. Artistas consagradas, como a cantora islandesa Björk, reforçam o discurso de quem precisa lidar com o sexismo para seguir com o seu trabalho.

Em entrevista ao site “*Pitchfork*”, ela revelou que como única mulher em sua banda teve muitas vezes que fingir que suas ideias foram concebidas por seus colegas para que fossem levadas adiante.

Não estou falando algo ruim sobre os *caras* que estavam comigo nas bandas, porque eles são todos fantásticos e criativos, e estão fazendo coisas incríveis agora. Mas eu venho de uma geração em que essa era a única maneira de fazer as coisas. Então, tenho que bancar a estúpida e simplesmente fazer tudo com cinco vezes mais energia para torná-las possíveis. (BJÖRK, em entrevista ao site “*Pitchfork*” em janeiro de 2012)

5. O ROCK FEMININO NO BRASIL NA ATUALIDADE

As barreiras relatadas nas reportagens abordadas neste artigo são semelhantes às dificuldades enfrentadas pelas musicistas brasileiras. A falta de credibilidade é mais um obstáculo a ser vencido. Como descrito anteriormente neste artigo, Debbie Harry nunca recebeu o merecido reconhecimento pelas suas composições, enquanto Björk declarou em entrevista recente que muitas vezes permitiu que seus companheiros de banda levassem os créditos em projetos para que fossem levados adiante.

No Brasil não é diferente. Existe um lapso no reconhecimento de compositoras, que muitas vezes são retratadas apenas como intérpretes. Em entrevista concedida para a produção deste artigo, a compositora Stela Campos chamou a atenção para o problema: “Quando você fala sou mulher, sou compositora, eles falam, ah, é cantora. A Stela canta. Mas a Stela também pode fazer música instrumental. Já fiz, várias.” (DEPOIMENTO DE STELA CAMPOS à autora em 10 de setembro de 2015).

Afirmção semelhante partiu da compositora Isabel Monteiro, líder da banda

Drugstore, que na maioria das vezes em que é citada pela mídia, aparece creditada apenas como cantora.

Acho interessante que até hoje a maioria da imprensa me classifica como ‘cantora’, quando na verdade sou uma ‘compositora’ – acredito que seja porque imaginam que ser uma compositora autoral requer um nível intelectual mais sofisticado, coisa de homem – então, já que ela é mulher, vamos chamá-la de cantora. Pronto. (DEPOIMENTO DE ISABEL MONTEIRO à autora em 28 de setembro de 2015)

A multi-instrumentista Carolina Vidal também relata que muitas vezes sentiu descaso e “um olhar de menosprezo” para os trabalhos que desenvolveu com bandas pelas quais passou.

Desde quando comecei até hoje existe uma espécie de admiração com espanto duvidoso que, dependendo da sua postura, pode incomodar. As pessoas falam coisas do tipo "Você toca baixo bem! É raro, né? Geralmente as mulheres vão tocar flauta". O que eu procuro fazer quando escuto essas coisas é agradecer o elogio e não dar muito papo para a segunda parte, que, de certa forma, reafirma o discurso de que "você, mulher, está num território em que não deveria estar, que audácia!". (DEPOIMENTO DE CAROLINA VIDAL à autora em 16 de setembro de 2015)

Além de terem que demonstrar um maior esforço para conquistar o respeito dos homens pelo seu trabalho, as musicistas muitas vezes enfrentam também o descrédito de outras mulheres. A compositora, vocalista e guitarrista Flávia Biggs afirma que, ao final dos shows com sua banda, chegou a ouvir opiniões machistas de outras mulheres disfarçadas como elogio: “Nossa, como você toca bem. Você toca igual a um homem”. (DEPOIMENTO DE FLÁVIA BIGGS à autora em 24 de setembro de 2015)

Mas nem sempre o preconceito aparece de forma sutil. Dependendo do ambiente, o machismo impera sem freios e às vezes as musicistas são obrigadas a enfrentar ofensas em forma de palavras de baixo calão ou mesmo por gestual, assédio e uma série de situações que no mínimo causam desconforto.

Minha banda já tem 20 anos e quando começamos, a gente tocava na periferia da cidade. Era uma época em que tinham muitos carecas no *rolê* e eles ficavam em frente ao palco, de braços cruzados tentando nos oprimir e de vez em quando soltavam um xingamento, do tipo: “vai pra cozinha!”. (DEPOIMENTO DE FLÁVIA BIGGS à autora em 24 de setembro de 2015)

Situações como essa, reforçam a tese de que expectativas estereotipadas pelas divisões de categoria também se encontram em ambientes considerados transgressores e revelam que alguns homens ainda se sentem ameaçados pela presença feminina em funções consideradas de caráter essencialmente masculino.

Diante desse cenário, é preciso que mudanças sejam estabelecidas para que a mulher seja realmente aceita como agente ativo no rock. Para a cantora e compositora Lulina, nome

artístico de Luciana Lins, falta a presença de mais representantes do sexo feminino para que essa situação seja revertida.

As mulheres podem tanto quanto homens nessas funções e acho que estão cada vez mais sendo reconhecidas por seus talentos, não importa a área. Precisamos só de mais exemplos e destaque dessa presença feminina, para que esse clichê de rock como um ambiente masculino mude. (DEPOIMENTO DE LUCIANA LINS à autora em 24/09/2015).

Para que haja esse reconhecimento, é preciso dar espaço para essas mulheres. Nesse sentido, festivais com bandas essencialmente formadas por mulheres na escalação voltam a aparecer novamente no circuito cultural, como uma edição do Casinha Apresenta realizada em setembro deste ano na Casa do Mancha, em São Paulo.

Outra iniciativa que colabora para mudanças nesse cenário é o *Girls Rock Camp*, um acampamento de férias para meninas de 7 a 17 anos que ensina as primeiras noções de composição musical, permitindo que as participantes vivenciem a experiência de fazer parte de uma banda de *rock*.

O *Girls Rock Camp* nasceu em Portland, nos Estados Unidos, e foi implementado há quatro anos em Sorocaba, onde recebe uma média de 60 participantes a cada edição. A organizadora do acampamento no Brasil, Flavia Biggs, conta que no primeiro ano foram necessários três meses para completar as inscrições e, atualmente, as vagas esgotam em poucas horas.

Para elas é um grande desafio. Juntas, elas têm que compor uma canção e quando elas chegam, a maioria tímida e sem saber tocar nenhum instrumento, você sente a diferença durante a semana mesmo, antes do acampamento acabar. Quando participei como instrutora do *Girls Rock Camp* nos Estados Unidos, me apaixonei tanto, exatamente por isso. Nosso método desconstrói essa coisa do meio acadêmico. Nós mostramos que qualquer um pode fazer, nós podemos fazer. E no decorrer do processo, as meninas mudam, elas passam a acreditar mais em si. É uma experiência empoderadora que elas levarão para o resto da vida. (DEPOIMENTO DE FLÁVIA BIGGS à autora em 24 de setembro de 2015)

Paralelo às ações voltadas especificamente para o meio musical, o uso de ferramentas tecnológicas de fácil acesso e de meios de comunicação como as redes sociais, facilitou o compartilhamento de informações e, movimentos que antes não conseguiam espaço na mídia, passaram a ganhar visibilidade. Exemplo disso é a Marcha das Vadias, que usa o *Facebook* como ferramenta de militância e o próprio *Girls Rock Camp*, em que a convocação das participantes e voluntárias é feita pela internet.

Essas ferramentas encurtaram a distância entre pessoas com interesses semelhantes, inclusive na música, e permitiram que as mulheres se unissem em torno de uma causa. Seja para reivindicar mais espaço ou para se articular em torno de projetos que incentive m outras

mulheres a montarem suas próprias bandas, este pode ser um primeiro passo para diminuir o abismo de gênero que existe no rock.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito de gênero no rock se manifesta de diversas formas, às vezes velado ou bastante explícito, sob a forma de insultos e xingamentos. Mas o que parece mais incomodar as musicistas é o descrédito da sociedade em geral e no próprio meio musical, o que faz com que elas tenham que se empenhar arduamente para provar que podem ser tão boas quanto os homens, seja compondo, empunhando uma guitarra ou tocando bateria.

Quando se trata de uma mulher em posição de liderança, o *rock* não é um ambiente tão libertário quanto aparenta, mas iniciativas impactadas por movimentos como o *Riot Grrrl* voltam a tomar forma e a ganhar espaço.

Além disso, projetos voltados para o empoderamento de meninas e adolescentes como o *Girls Rock Camp*, contribuem para criar a consciência de que elas são tão capazes quanto os homens, reforçando a autoestima e dando às participantes a oportunidade de vivenciar a experiência de trabalhar em grupo e dividir o palco com outras garotas.

Por fim, uma série de iniciativas e movimentos relacionados aos direitos das mulheres ganhou força com as redes sociais, permitindo que suas ideias sejam disseminadas de forma eficaz, atingindo um maior número de pessoas e ganhando força para combater o preconceito.

Em suma, o sexismo no *rock* existe e é um reflexo do que ocorre em outros setores da sociedade, mas essa barreira vem sendo rompida aos poucos pelo trabalho de mulheres que servirão como exemplo para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2002.
- CHACON, Paulo. **O que é rock**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1995.
- DE BEAVOIR, Simone. **O Segundo Sexo – Fatos e Mitos**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1970.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.

Depoimentos:

- STELA CAMPOS, concedido à autora em 10 de setembro de 2015.
- FLAVIA BIGGS, concedido à autora em 24 de setembro de 2015.
- ISABEL MONTEIRO, concedido à autora em 28 de setembro de 2015.
- LUCIANA LINS, concedido à autora em 24 de setembro de 2015.
- CAROLINA VIDAL, concedido à autora em 21 de março de 2015.

Documentário:

- BLONDIE'S **New York and the Making of Parallel Lines**. Direção: Alan Ravenscroft. Reino Unido, 2014.

Reportagens/Sites:

- HOPPER, Jessica. **The Invisible Woman**, disponível em <http://pitchfork.com/features/interviews/9582-the-invisible-woman-a-conversation-with-bjork/>, acessado em 10/09/2015
- VELOSO, Bruna. **Especial Mulher: Desbravadora do Rock**, disponível em <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-66/desbravadora-do-rock>, acessado em 05/09/2015
- VINCENT, Alice. **Where are all the women headlining music festivals?**, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/culture/music/music-festivals/11016441/Where-are-all-the-women-headlining-music-festivals.html>, acessado em 03/09/2015
- MULLER, Marissa G. **Paramore's Hayley Williams Talks Slaying Sexism, Her Oddest Tour Rider**, disponível em <http://www.rollingstone.com/music/news/paramores-hayley-williams-talks-slaying-sexism-her-oddest-tour-rider-20131011#ixzz3nEe4CDqr>, acessado em 05/09/2015